

Pobreza crônica: Zona Portuária tem 18,2% dos moradores vivendo com até R\$ 206

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Região é a mais pobre da cidade, considerando-se os bairros que já existiam em 1970. RIO - A Zona Portuária do Rio sofre de uma pobreza crônica e é a mais pobre entre os bairros que já existiam em 1970. Botafogo aparece com a menor parcela de lares onde a renda domiciliar per capita é de até R\$ 206, com 2,7%. Reunindo os bairros de Caju, Gamboa, Saúde e Santo Cristo, a Zona Portuária já teve parte da região revitalizada, com o VLT, o Boulevard Olímpico e a reurbanização do entorno. mas, até 2010, pouco avançou no combate a uma das chagas brasileiras, que tem caído muito nas últimas décadas no Brasil: a pobreza. A região somava 18,2% de pobres em 2010. Há 40 anos, eram 23,4%. O diretor da FGV Social, **Marcelo Neri**, fez um recorte para analisar historicamente os diferentes bairros do Rio. Estudou os que já existiam em 1970 e viu como avançaram os indicadores sociais, isolando fatores como migração. REVITALIZAÇÃO RECENTE Naquela época, em 1970, Santa Cruz, Anchieta, Penha, Ramos, Campo Grande, Bangu e Jacarepaguá tinham renda mais baixa que a Zona Portuária. Em 2010, ela passou a ser a mais pobre. Era um período em que o Complexo do Alemão praticamente não existia, e a Rocinha estava incluída no bairro da Lagoa. A Barra da Tijuca tinha pouco mais de cinco mil moradores. Mesmo incluindo regiões que não existiam naquela época, a Zona Portuária aparece com o maior índice de pobreza. Só perde para Jacarezinho, que tem 19,3% de pobres. Nesse recorte, o conjunto de bairros ao longo do Porto divide o segundo lugar com o Complexo do Alemão, em mais um desafio que se apresenta para o próximo prefeito do Rio. — É uma pobreza crônica, mudou muito pouco em 40 anos — afirma **Neri**. O estudo, feito com dados do Censo Demográfico de 2010, o mais recente, ainda não incorporou os efeitos do processo de revitalização da Praça Mauá. A região recebeu VLT e museus, e os moradores deixaram de conviver com a Perimetral. Mas a violência urbana ainda preocupa. Nos morros da Providência, têm acontecido tiroteios, mesmo com a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), que chegou em 2010. — Meu pai tem bar aqui no Santo Cristo há 50 anos. Pela primeira vez, fomos assaltados — contou Cláudio Leonardo Lopes Mendes, que tem a lanchonete na via por onde passa o VLT. Ele vê muitos avanços no bairro onde cresceu ajudando o pai no bar, mas diz que a recessão atual está freando as melhorias: — As pessoas conseguiram comprar carro, casa, mas agora está difícil manter isso. Mendes ressalta que, para a revitalização se concretizar de verdade naquela região da Zona Portuária, é preciso atrair mais comércio para o local, como bancos e supermercados: — Os preços dos aluguéis subiram muito, e está ficando inviável vir para cá. FALTA DE SERVIÇOS A costureira aposentada Maria Carvalho de Almeida, de 78 anos, mora no bairro desde o fim dos anos 1970. Juntamente com a irmã Erotilde, viveu as mudanças na região. Aprova o VLT e o Teleférico da Providência, inaugurado em julho de 2014, mas reclama, assim como sua irmã, da falta de comércio variado no bairro: — O único supermercado que existia na região fechou recentemente. Para ir ao banco, precisamos nos deslocar para a Rodoviária. Tamara Correia da Silva, que tem cinco filhos — Isaac, de 10 anos, Larissa, de 8, Miguel, de 5, Thales, de 3, e Agatha, de 8 meses —, diz que a vida está melhor do que na sua infância. Ela, que tem 26 anos, sempre morou no Santo Cristo. Atualmente, ela mora na casa da mãe, de dois quartos, junto com as crianças, o marido e uma irmã. O marido de Tamara perdeu o emprego de segurança e vive de pequenos serviços de limpeza e de eletricitista. Os R\$ 240 do Bolsa Família ajudam. Tamara teve que parar de estudar quando engravidou de Isaac, mas pretende voltar. Sobre os planos para o futuro, ela responde: — Já passei muita dificuldade, o que mais quero é que meus filhos possam estudar e ser alguém na vida.



Tamara Correia da Silva parou de estudar quando ficou grávida do primeiro filho, Isaac, de 10 anos. O marido dela perdeu o emprego e vive de serviços de limpeza. A esperança é que os filhos tenham uma vida melhor.